

O 'CAMPO DAS CORES' NO DICIONÁRIO HISTÓRICO DO PORTUGUÊS DO BRASIL (SÉCS. XVI-XVIII)

Maria Filomena GONÇALVES¹

RESUMO

Neste artigo é apresentada uma amostra preliminar de uma investigação em curso sobre os nomes das cores ('cromónimos') e do 'campo das cores' no *DHPB – Dicionário Histórico do Português do Brasil* (séculos XVI-XVIII). A partir do Banco de Textos do DHPB, corpus que reúne documentos do período colonial no Brasil, realizou-se um levantamento de alguns nomes de cores atestados nessa base de dados mas também de muitas expressões ou combinações sintagmáticas por meio das quais são nomeados e descritos vários matizes cromáticos. Embora nos últimos anos se tenham registado estudos sobre o campo das cores na língua portuguesa, quer de um ponto de vista diacrónico, que de um ponto de vista sincrónico, o presente trabalho tem a originalidade de assentar num recorte de três séculos relevantes para a história do português e brasileiro. Por outro lado, a inclusão de muitos matizes ou gradações de várias cores, e não apenas dos cromónimos diretos, decorre do facto de ser necessário descrever realidades ou referentes desconhecidos a partir daquilo que o olhar europeu desconhecia ou conhecia mal. Daí o recurso a aproximações, comparações inusitadas que, visando pintar os referentes brasileiros – principalmente os animais e as plantas – perante os olhos dos europeus, revelam uma enorme criatividade linguística. Este é, na verdade, um dos grandes contributos do Banco de Textos do DHPB para o estudo dos nomes das cores, em português, entre os séculos XVI e XVIII.

PALAVRAS-CHAVE: Cromónimos; campo das cores; Dicionário Histórico; Língua Portuguesa; séculos XVI-XVIII.

Este trabalho baseia-se num corpus extraído do Banco de Textos do *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (séculos XVI a XVIII), projecto lexicográfico criado

¹ Universidade de Évora/Escola de Ciências Sociais/Departamento de Linguística e Literaturas; Colégio do Espírito Santo, Apartado 94, 7002-554a Évora, Portugal, mfg@uevora.pt.
Centro de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora - CIDEHUS-UÉ/FCT projeto UID/HIS/0057/2013. Palácio do Vimioso, 7001 Évora, Portugal, mfg@uevora.pt.

em 2005 pela Prof^a Maria Teresa Biderman e que, com financiamento do CNPq, no âmbito do programa Institutos do Milénio, foi desenvolvido no Laboratório de Lexicografia da UNESP/FCLAr, Brasil. Após o infausto desaparecimento da sua criadora, em 2008, a coordenação do projeto foi assegurada pela Prof^a Clotilde A. A. Murakawa, que o conduziu a bom porto, com a produção dos 12 vols. do DHPB (Biderman e Murakawa, 2012), que aguardam publicação para breve.

O DHPB (Murakawa, 2014) assenta num Banco de Textos que não é menos relevante do que o próprio Dicionário, visto reunir centenas de textos relativos ao Brasil no período colonial, incluindo os mais diversos géneros textuais e discursivos, produzidos entre de 1500, ano da *Carta de Pêro Vaz de Caminha* ao rei D. Manuel para relatar o “achamento” do Brasil, e 1808, data da chegada de D. João VI (1767-1808) a território brasileiro (Murakawa e Gonçalves, 2015). Com efeito, o corpus textual conhecido como “Banco de Textos I”² reúne documentos (manuscritos e impressos) referentes ao Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII, num total de 23.858 páginas digitalizadas e 7.492.472 ocorrências.

A partir deste Banco de Textos, e graças às facilidades de busca proporcionadas pelo programa *Philologic*, o objetivo deste trabalho é trazer dar notícia de um primeiro levantamento tanto de “cromónimos” como de expressões e combinações cromáticas, com vista a estudos posteriores sobre o sistema das cores num recorte de três séculos de diacronia lexical do Português.

1. Cromónimos: os nomes de cores no DHPB

Como unidade da área da lexicologia, o termo “cromónimo” foi criado para denominar uma unidade do léxico que se refere ao domínio da cor, seja esta básica ou não. A criação desta palavra fundou-se no facto de os nomes das cores serem um dos mais curiosos e complexos microssistemas lexicais em qualquer língua, já que, mais ainda que muitos outros campos, este campo traduz a estreita relação entre léxico, sociedade e cultura, razão porque nos últimos anos tem vindo a ser estudado sob vários pontos de vista, inclusive sob o prisma linguístico. De facto, por ser um fenómeno de

2 Existe também um Banco de Textos II, o que permitirá engrossar o número de ocorrências. Porém, na fase actual, este Banco ainda não está preparado para a busca automática.

percepção sensorial, além dos óbvios aspectos físicos e fisiológicos, a cor envolve aspectos psicológicos e culturais que se refletem nos nomes atribuídos às cores percebidas pelos olhos e interpretadas pela mente humana.

Ora, se nomear de algum modo comporta sempre uma forma de definição, no caso da denominação das cores, essa afirmação aplica-se perfeitamente, porquanto a nomeação decorre não só da observação do real mas sobretudo do modo como este é captado, interpretado e, inclusive, metaforizado. Por isso mesmo, descrever e analisar o microsistema das cores (i.e. o conjunto de nomes usados para denominar as cores, nomes esses que se inter-relacionam), supõe reunir e definir não apenas as unidades lexicais desse campo como também as 'nuances' percebidas e nomeadas para cada cor, vale dizer, as expressões ou locuções que traduzem aproximações ou metaforizações cromáticas (Mollard-Desfour, 2011:90).

Embora tenhamos já vários estudos relevantes acerca dos nomes das cores, quer para o Português Europeu – cf. Correia (2007), Silvestre *et al.* (2015) –, quer para o Português do Brasil – cf. Biderman *et al.* (2007), Zavaglia (2006, 2007), e Martins e Zavaglia (2013, 2014) –, no que diz respeito à perspectiva histórica ou diacrónica não são poucos os aspectos que continuam a carecer de uma investigação equivalente à que vem sendo realizada para o francês (Mollard-Desfour, 2008, 2011) ou o alemão (Jones, 2013), para apenas referir dois exemplos. Não obstante incluírem, como poderia deixar de ser, dados de natureza histórica, aqueles trabalhos não preenchem todas as lacunas existentes no que tange à diacronia do microsistema das cores, nem tampouco oferecem respostas para a datação das expressões de cor ou, ainda, para o significado destas no contexto da cultura de séculos passados. Por isso mesmo, repertoriar os nomes das cores e as expressões cromáticas num corpus histórico, será seguramente o principal contributo deste trabalho, uma vez que a maioria dos estudos não assenta em corpora desta natureza.

A partir do “Banco de Textos I” extraiu-se uma amostra daquilo que, segundo Mollard-Desfour (2011:90), se chama “nomes directos” (i.e. cromónimos propriamente ditos), desde a sua origem criados para nomear cores ou percebidos na actualidade como tal, e, ainda, os chamados “nomes indirectos” ou “referenciais”, os quais, em linha com a mesma autora, constituem as “dénominations créées métaphoriquement par analogie avec des référents d'origine très variée” (Mollard-Desfour, 2011:90).

Por outro lado, importa salientar que no Banco de Textos alvo de pesquisa, e em concordância com a observação de Martins e Zavaglia (2013), a fauna e a flora são os

domínios em que, com efeito, mais se verifica uma elevada frequência de nomes de cores, ainda que não sejam os únicos campos em que a referência cromática coopera de maneira relevante na descrição de realidades próprias do Brasil. Como é evidente, estas descrições visavam apresentar aos olhos do leitor, com todo o pormenor, referentes que, por serem desconhecidos dos europeus, convinha “pintar” fazendo apelo a todas as dimensões sensoriais, o que não raro acontecia por meio de comparações entre as características físicas dos referentes desconhecidos e as de referentes conhecidos, processo que em lexicografia se designa como “definição por género próximo”. No contexto de descrição da natureza, a cor constituía, como é evidente, um elemento imprescindível; porém, não bastavam as chamadas “cores básicas”,³ motivo por que os autores dos textos se socorriam de analogias, comparações e metáforas capazes de transmitir matizes cromáticos, alguns dos quais soarão estranhos ou curiosos aos ouvidos de um leitor/falante actual, conquanto seguramente fossem entendíveis pelos leitores a que se destinavam nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Na impossibilidade de se apresentar aqui o inventário geral dos cromónimos registados no DHPB e, ainda, como era objectivo deste trabalho, as expressões que incluem cada nome de cor, a amostra⁴ aqui exposta e comentada reteve unicamente as cores vermelho/encarnado, verde e azul e alguns dos seus derivados, e bem assim algumas expressões cromáticas, deixando de remissa, para futuros trabalhos, quer a apresentação quer a análise de todos os nomes de cor (e respectivos derivados) compulsados a partir do Banco de Textos.

1.1. Cromónimos directos no DHPB

O nome “vermelho” (do Lat. VERMICULUS “verme pequeno”, dim. de vermis, is), cujo registo remonta ao século XIII (Houaiss, 2001), regista 492 ocorrências no

3 Não é objectivo deste trabalho fazer uma revisão da literatura sobre as chamadas cores básicas ou primárias e as secundárias à luz dos modelos conhecidos como “RGB” (“red, green, blue”), baseado na teoria das cores de Leonardo da Vinci, e o “CMYK”. Salienta-se apenas que as primeiras, como o nome indica, e ao contrário das segundas, são as que não se obtêm a partir da combinação de outras.

4 Para maior facilidade de identificação, os exemplos extraídos do corpus são encabeçados pelo autor (quando é conhecido), título e datação do documento. Todos os trechos são transcritos segundo a forma (gráfica) que apresentam na base textual. Onde foi necessário, apenas foram introduzidos parênteses rectos para assinalar o corte feito no início, no meio ou no final de um exemplo. Em cada trecho, o nome de cor ou a expressão cromática foi destacado em negrito.

Banco de Textos do DHPB, aparecendo em documentos dos três séculos abrangidos pelo Dicionário Histórico do Português do Brasil.

1) PERO VAZ DE CAMINHA. *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA* 1500

[...] soamente deulhes huũ barete **vermelho** e huũa carapuça de linho que leuaua na cabeça e huũ sombreiro preto. E huũ deles lhe deu huũ [...] huũ sombreiro de penas daues compridas cõ huũa copezinha pequena de penas **vermelhas epardas** coma de papagayo e outro lhe deu huũ [...].

No corpus registam-se vários matizes cromáticos relativos a “vermelho”, como se vê nas combinações sintagmáticas seguintes: “vermelho muito vivo”, “vermelho escuro”, “vermelho tostado”, “vermelho adusto”, “vermelho mais retinto”, “tirante a vermelho”, tirante a vermelho claras” (i.e. vermelho claro):

2) FREI DOMINGOS DE LORETO COUTO (1904) [1757], *LIVRO PRIMEIRO - PERNAMBUCO CONQUISTADO / CAP. XI — MOSTRA-SE QUE A COR VERMELHA DOS ÍNDIOS DO BRASIL, NÃO CONSTITUE DIVERSA CASTA. N. 148.*

Perguntados pela razão de não conservarem as cores, que terão seos ascendentes, para terem elles hũa cor quasi **vermelho tostado**, respondem que a mudança da sua cor procedeo do demasiado calor que fere suas carnes, e fallão conforme a Philosophia, e experiencia, por que querem alguns Philosophos, que a cor branca proceda [...]⁵.

(3) FREI DOMINGOS DE LORETO COUTO (1904) [1757], *LIVRO PRIMEIRO - PERNAMBUCO CONQUISTADO / CAP. XI — MOSTRA-SE QUE A COR VERMELHA DOS ÍNDIOS DO BRASIL, NÃO CONSTITUE DIVERSA CASTA. N. 148.*

[...] Aquelle primeiro homem, ou homens, que no Brazil, começou a receber em suas carnes sem defença o calor do Sol, pela continuação do tempo ficaria certamente **vermelho adusto**, como a experiencia nos está todos os dias mostrando nos que andam muito expostos ao calor do sol, estes forão adquirindo em si, e em seos descendentes hum temperamento mais calido, que dantes, e suposto [...].

→ PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], *PARTES SEGUNDA - CAP. 1º - NOTÍCIA GERAL DOS ÍNDIOS SEUS NATURAES E DE ALGUMAS NOÇÕES EM PARTICULAR DA SUA VIDA COSTUMES, E DAS COUSAS MAIS NOTÁVEIS DA SUA RUSTICIDADE* [...].

5 Note-se que este exemplo serve igualmente para atestar a ocorrência do nome de cor “branca”.

São **avermelhados**, ou entre brancos, e vermelhos; mas um **vermelho escuro, baço**, e tismados do sol, bem como os timorés, que em tudo são vivo retrato dos tapuias, e como eles **chamuscados** pelo monarca das luzes, que a uns, e outros se avizinha quase igualmente [...].

→ PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE TERCEIRA - DA NOTICIA DA SUA MUITA RIQUEZA NAS SUAS MINAS NOS SEUS MUITOS, E PRECIOSOS HAVERES, E NA MUITA FERTILIDADE DAS SUAS MARGENS - TRATADO TERCEIRO - DA RIQUEZA DO AMAZONAS NA PRECIOSIDADE DA SUA MADEIRA - CAP. 1º - DOS MAIS PRECIOSOS PAOS DO GRANDE RIO AMAZONAS

[...] porque uns tem malhas pretas em campo amarelo, outros máculas pretas em campo **vermelho**: uns tem campo pardo com malhas de diversidade pretas, amarelas, **vermelhas** etc. Nestas mesmas espécies há mui vária diversidade, e variedade diversa; porque uns tem o amarelo do seu campo mais claro, outros mais escuro: em uns o **vermelho é mais retinto**, em outros é amarelado; e da mesma sorte há diversidade de malhas diferentes, não só pela específica diferença de cores; mas também por mais ou menos vivas, e por serem maiores, ou menores [...].⁶

→ BERNARDINO ANTÔNIO GOMES (1972 - EDIÇÃO ANASTÁTICA DE 1809) [1798], DA COLHEITA DA CANELLA
[...] imediatamente a este encontra-se outro, tenro, de cor verde, que se vê quasi nu nas extremidades dos ramos: segue-se logo outro amarello, **tirante a vermelho**, e lenhoso, mais crasso, e mais fragil no tronco, mais fibroso nos antigos ramos [...].

→ FRANCISCO ANTÔNIO DE SAMPAIO (1971) [1782], VASSOURINHA
[...]. Esta vassourinha pois, hé huma erva frequente pelos suburbios dos povos, e mesmo pelos cantos das ruas; ella hé muito enriquecida de miudas folhas, e quasi sempre de flores pouco preceptiveis á vista, e de miudissimas sementes. As suas flores vistas com o microspio se percebem tetrapetalas, e brancas **tirante a vermelho claras**.

Ao mesmo campo cromático pertence o derivado “avermelhado” (cf. acima “avermelhados” exemplo 4), cuja forma feminina, no corpus do DHPB, tem uma 1ª atestação em 1653, ao passo que a masculina, registada numa relação de viagem feita por D. António Rolim, é de 1751.

6 Este trecho serve também e ilustração do registo de outros nomes de cor: verde, amarelo.

→ DOMINGOS VANDELLI. *MEMORIA SOBRE AS MINAS DE OURO* [...]. 1653

A matriz das ditas minas hé huma terra ocracea amarela com alguns pequenos calhaos de ferro, ou **avermelhada**, e as vezes comglutinada com ferro.

De “vermelho”, cromónimo directo, forma-se o aumentativo “vermelhão”, designação do “sulfato de mercúrio pulverizado, usado na fabricação de tinta” (Houaiss, 2001), que possui um vermelho intenso e, por extensão, passou a denominar esta cor.

→ PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], *PORTE PRIMEIRA - CAP. 18º - DA SUA CAÇA ALTÍLIA*

[...]. Será do tamanho, ou pouco maior, que ãa perdiz; mas a sua maior galantaria está nas suas penas, e bico. As penas do seu papo, pescoço, e cabeça levam vantagem às lindas cores das mais ricas galas; porque são um amarelo salpicado de **vermelho** tão vivo, que não há jalde⁷, nem **vermelhão**, que lhe chegue: e a mais própria semilhança para o explicar é a cor do ouro esmaltado. Por isso são muito buscados os seus papos pelos mercadores, que com eles ornem os seus coletes, e peitilhos mais, que com preciosas gemas, e diamantes. [...].

No mesmo campo cromático de vermelho inclui-se “encarnado”, cujo étimo é INCARNATUS, A, UM, participio passado de INCARNARE (‘converter-ser em carne’. Houaiss, 2001). Segundo Houaiss (2001), tal como “vermelho”, “encarnado” remontaria ao século XIII. Como é sabido, atualmente este cromónimo não é usado no Português do Brasil, no qual “vermelho” é a denominação geral, e no Português Europeu, sendo embora semanticamente equivalente, recebe marcação regional ou social. No entanto, “encarnado” regista 25 ocorrências no Banco de Textos do DHPB e a forma feminina – “encarnada” – tem 52, sempre como equivalente de vermelho, conforme mostram os exemplos seguintes.

→ PADRE FERNÃO CARDIM. *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO*

[...].1583 [...]. vermelhos que chamam Guará, [...].dos formosos desta terra, os quaes são como pegas: os bicos são de um bom palmo, e na ponta revoltos, e têm mui compridas pernas: nascem estes passaros pretos, e depois se fazem pardos, depois brancos, quarto loco ficam de um **encarnado** gracioso quinto loco ficam **vermelhos** mais que grã, e nesta formosissima côr permanecem.

7 “Jalde” é também um nome de cor. Parece provir de “jalne” (do fr. ant. “jalne”, i.e. 'da cor do ouro, amarelo' que, por sua vez, provém do lat. *galbînus*, a, um 'de verde-pálido ou amarelo '). Em Houaiss (2001), tem 1608 como datação, sendo ali definido como “a cor do amarelo-ouro ou tirante a ela”.

→ LUIS GOMES FERREIRA. *DOS SEGREDOS, OU REMEDIOS* [...]. 1735 [...]. puzlhe hum pedaço de calço de cabaço, limpo por dentro, e por fóra, forrado com tafetá **encarnado**, e feguro, bem jufto com as paredes dos offos em redondo...

Apesar de também estarem registadas outras denominações pertencentes ao espectro do vermelho – é o caso de “púrpura” e “roxo”⁸ –, esta amostra não as inclui.

Quanto a “verde”, este nome regista 25 ocorrências no singular e outras 25 no plural. Vejam-se os exemplos seguintes:

→ PERO VAZ DE CAMINHA. *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA 1500* [...]. dise ele que nõ vira la antre eles se nõ huñas choupanjhas de rrama **verde** e de feeitos mujto grandes coma damtre doiro e mjinho e asy nos tornamos aas naaos ja casy noute adormjr [...].

→ BRÁS CUBAS. *CARTA DE BRÁS CUBAS, PROVIDOR* [...]. **1562**
He a yso mamdo hum braguantim a Bahia per que lh'escrevo as novas deste ouro pera nyso ver ho que lhe parece mais serviço de Vossa Alteza ho prover ou m'escrever que o faça. Nas minhas terras achey hūas pedras **verdes** que parecem esmeraldas muito fremosas não ousey mamda las por este navio a Vossa Alteza por as não aventurar em tão fraqua passagem.

No tocante às variações cromáticas no espectro de verde, no corpus foi localizada a expressão “tirante a verde” – que inclusive pode ser objecto de “nuance” cromática (cf. exemplo 15)

→ FRANCISCO ANTÔNIO [...]. *PINHÃO 1782*
As flores são brancas, **tirante a verdes**, compridinhas sem formalidade, que se asemelhe a outras flores, porem sim a tallos: em cada pediculo lança duas frutas, como se vê na figura; em (aa) são verdes ambas; em (b) hé huma sazoadada; em (c) hé huma seca.

→ FRANCISCO ANTÔNIO DE SAMPAIO (1971) [**1782**], *CAFÉ*
As flores sam brancas **tirante a verde claro** como se vê na fig. 3 na sua propria grandeza.

As gradações de verde são denominadas mediante adjectivos como claro, escuro, procedimento que produziu compostos existentes até hoje na língua portuguesa.

→ GABRIEL SOARES DE [...]. *DAS HERVAS MEDICINAIS (PARTE...* [1587].) A arvore que faz esta herva é como a do alecrim, e tem a folha molle, e a côr **verde claro como alface**.

8 Provém do lat. RUSSEU - ‘vermelho escuro’. De acordo com Houaiss (2001), é diacronismo que nomeava o que tinha uma “cor avermelhada”.

A necessidade de descrever os referentes em pormenor leva ao estabelecimento de muitos matizes cromáticos que incluem aproximações com referentes conhecidos dos leitores (cf. supra exemplo 16), tal como pode observar-se no trecho seguinte, extraído de um texto de 1757, em que a gradação é marcada por meio de um gerúndio “atirando para”:

→ PE. JOÃO DANIEL (1776) [1757], *PARTE TERCEIRA - DÁ NOTICIA DA SUA MUITA RIQUEZA NAS SUAS MINAS NOS SEUS MUITOS, E PRECIOSOS HAVERES, E NA MUITA FERTILIDADE DAS SUAS MARGENS*

É muito viçoso este tajá; a sua cor é **verde claro atirando para cinzento**.

No caso de “verde-escuro”, outro nome composto, com 11 ocorrências no corpus, não localizámos quaisquer formas de gradação por analogia com outra cor.

Veja-se o exemplo:

→ GABRIEL SOARES DE[...]. *DA AGRICULTURA DA BAHIA 1587*
[...].ellas, e a arvore que é macho não dá fruto e é mui ramalhuda do meio para cima, e as folhas são de côr **verde escuro** [...].

Ao campo cromático de verde pertence igualmente o adjetivo “esverdeado” ‘que tem ou se apresenta com cor tirante a verde ou que a ele se assemelha; verdacho’ (Houaiss, 2001), do particípio do verbo derivado de verde (“esverdear” ‘dar ou tomar cor verde ou semelhante a verde’). Com efeito, a forma participial, se bem que com prefixo distinto, está na base de outras denominações cromáticas (por ex. Amarelado,⁹ (a)laranjado,¹⁰ acastanhado,¹¹ acinzentado,¹² apretado¹³). O que importa aqui assinalar é que, graças ao corpus do DHPB, será possível retrodatar a unidade “esverdeado”, que em Houaiss (2001) – baseado por sua vez no lexicógrafo Solano Constâncio – tem 1836 como 1ª datação, mas no corpus em apreço aparece já num documento de 1801.

→ FREI JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO (1801)
[1801]. *QUEIJO*

O bom queijo de Roquefort deve ser fresco, d'hum sabor doce, agradável, **esverdeado**; quero dizer, semeado de veias azuladas pelo seu interior. A sua

9 Em Houaiss (2001), tem datação de 1651. Porém, no nosso corpus a forma feminina “amarelada” ocorre em 1625, ao passo que a masculina tem registo em documento de 1653.

10 No corpus encontra-se “laranjado” em documento de Fernão Cardim, de 1585: “Tangará. Este he do tamanho de um pardal: todo preto, a cabeça tem de hum amarello **laranjado** muito fino [...]”. De acordo com Houaiss (2001), “alaranjado” estará atestado desde 1516.

11 Nem esta unidade nem a seguinte – “acastanhado” – se regista no Banco de Textos. Em Houaiss, acastanhado recebe 1783 como 1ª datação.

12 Em Houaiss (2001), esta forma tem 1851 como 1ª datação.

13 Esta forma está registada no Corpus do DHPB em texto do Pe. João Daniel, de 1757, conforme mostra o exemplo: “Tem a dureza, fortidão, e solidez do pinima; e resiste a todo o temporal por séculos, e sempre muito inteiro: é **apretado** com pintura vermelha tirante a roxa por modo de ondas”.

grosseira depende da forma, em que se fazem. Vai d'huma pollegada a mais d'hum pé, e seu peso de 2 a 40 arrateis.

Por sua vez, a forma feminina – “esverdeada” –, com 3 ocorrências no corpus, aparece num texto de 1583, do Padre Fernão Cardim.

→ PADRE FERNÃO CARDIM. *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO...*
1583

[...] cobra do mau tempo ou da tempestade, que assim chamavam os índios uma serpente aquática, **esverdeada** e de cabeça escura [...].

No Banco de Textos regista-se ainda uma ocorrência do derivado “verdoengo” (b. lat. verdorencu) (NASCENTES, 1932: 811), que significa “coloração esverdeada; verdoso”. Segundo Houaiss, que lhe atribui marcação de “regionalismo brasileiro” no uso actual, esta palavra estaria já atestada no século XV. Embora “verdoengo” apareça, no nosso corpus, num texto de 1801, a forma feminina é bem mais antiga, pois ocorre diversas vezes num texto de 1587, de Gabriel Soares de Sousa.

→ GABRIEL SOARES DE [...]. *DAS ÁRVORES E PLANTAS INDIGENAS*. [...]. 1587

Quando cortam esta arvore, lança de si um leite muito alvo e pegajoso, que lhe corre em fio; a qual dá umas frutas do mesmo nome, redondas, com os pés compridos e côr **verdoenga**, e são tamanhas como maçãs pequenas; e quando são verdes travam muito, e são todas cheias de leite.

Também se regista no corpus o adjectivo “verdeal” ('de cor esverdeada'), mas neste caso como denominação de um fruto que se distingue pela sua cor particular (i.e. o pero de cor esverdeada existente em Portugal). Esta ocorrência de verdeal é de 1782, embora o plural “verdiais” (variante de “verdaes”) apareça em texto de 1627.

→ FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627], *LIVRO PRIMEIRO EM QUE SE TRATA DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL, COSTUMES DOS NATURAES, AVES, PEIXES, ANIMAES & DO MESMO BRASIL - CAPITULO SEXTO - DAS ARVORES AGRESTES DO BRASIL* [...].

Os cajueiros dão a fructa chamada cajús, que são como **verdiais**, mas de mais summo, os quaes se colhem no mez de Dezembro em muita quantidade, e os estimão tanto, que aquelle mez não querem outro mantimento, bebida ou regalo, porque elles lhes servem de fructa, o summo de vinho, e de pão lhes servem humas castanhas, que vem pegadas a es(ta) fructa,

Das três cores básicas contempladas no chamado “modelo RGB”, falta ainda exemplificar as ocorrências e as combinações associadas à expressão cromática do espectro do azul. Esta palavra tem origem, como é sabido, em étimo de origem árabe, estando atestada, segundo Houaiss (2001), desde o século XIII. No Banco de Textos do

DHPB, “azul” tem 239 ocorrências, nas quais se detectam combinações que servem para designar várias gradações de azul.

Vejam-se a seguir exemplos de “azul”, “azul claro”, “azul muito vivo”:

→ PADRE FERNÃO CARDIM. *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO...*
1587

Os mordomos são os principaes e mais virtuosos; têm sua mesa na igreja com seu panno, e elles trazem suas opas de baeta ou outro panno vermelho, branco e **azul**; servem de visitar os enfermos, ajudar a enterrar os mortos, e ás missas [...].

→ PE. JOÃO DANIEL. *PARTE PRIMEIRA - CAP. 18º* **1757**

É de cor toda azul, mas um **azul muito vivo**, muito claro, e lindo, especialmente quando nova, ou enquanto não lhe caem as penas.

→ PADRE FERNÃO CARDIM. *I - DO CLIMA E TERRA DO BRASIL -*
1583

Este passaro he dos mais estimados da terra, não pelo canto, mas pela formosura da penna; são **d'azul claro** em parte, e escuro, e todo o peito roxo finissimo, e as azas quazi pretas, são tão estimadas, que os indios os esfolião, e dão duas e três pessoas por huma pelle delles, e com as penas fazem esmaltes, diademas, e outras galantarias.

→ PE. JOÃO DANIEL. *PARTE PRIMEIRA - CAP. 17º -* **1757**

Além das referidas espécies, há marrecas, em cuja espécie se incluem muitas outras, que só diferem na cor, posto que quase todas são **azul escuro**, com as pontas das asas brancas; e no mais, ou menos branco, e azul está ordinariamente a sua diversidade.

“Azul-ferrete” é outra das denominações atestadas no corpus textual do DHPB. De acordo com Houaiss (2001), este nome composto corresponde a um 'tom muito fechado de azul, quase negro'. Contudo, Houaiss não nos oferece qualquer datação para esta unidade que poderá receber, graças a este corpus, uma primeira datação (1725).

→ FRAN.co DA CRUZ. *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS...* 1725

[...]. e amarello e cor de ouro e **azuís feretes** setos forem asim melhor, 139 tanto estes como os finos sejam de aba grandes 1 duzia de cabeleiras a todos humas de grizalha clara e outras ditas escuras algumas meias peças de pano entrefinos e escuros e azul ferete 8 peças de baregana de França **azul ferete** e

cor de pecotilho pois se gastão bem 6 duzias de meias de seda p.a molheres encarnadas e azuis e cor de ouro 100 pares de sapatos [...].

Fica igualmente registada a cor “azul anilada” (“anilada, der. “anil”),

→ GABRIEL SOARES DE... . *DA AGRICULTURA DA BAHIA - (PARTE... 1587*

[...]ha outras batatas que são roxas ao longo da casca e brancas por dentro; ha outras que são todas encarnadas e mui gostosas; ha outras que são côr **azul anilada** muito fina, as quaes tingem as mãos; ha outras verdoengas muito doces e saborosas; e ha outra casta, de côr almecegada, mui saborosas[...].

Em texto de 1789, verificou-se igualmente a ocorrência da combinação “azul celeste”:

→ HENRIQUE JOÃO [...]. *MUHURAIDA OU O TRIUMFO DA FÉ* [...].

[...] De **azul celeste** veste os firmamentos; O Zefiro mais brando, sendo o Vento. Efeitos naturaes, ja são portentos; Não ha na Omnipotencia, o violento. Chega aos Povos, navêga pelos Rios Muhura feliz, sem susto, e sem desvios [...].

Ficam igualmente atestados os derivados “azulado, a”, consoante mostram os exemplos abaixo, sendo que o masculino ocorre em texto de 1726 e a forma feminina tem registo em documento de 1587, se bem que Houaiss aponte 1500 como primeira datação:

→ FRAN.co DA CRUZ. *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS* [...] **1726**

[...] mais de huma duzia de vezes mo adevertice o menistro pois hera vergonha ver me o meu de pano **azulado** por quanto todas as costas da cazaqua o tinha esboracado das negregadas baratas, q. iço he sem numero, e tão desaventuradas q. couza de pano não escapa, esta he a cauza [...].

→ GABRIEL SOARES DE... . *DA AGRICULTURA DA BAHIA - (1587*

Tucanos são outras aves do tamanho de um corvo; tem as pernas curtas e pretas, a penna das costas **azulada**, a das azas e do rabo anilada, o peito cheio de frouxel muito miudo de finíssimo amarello, o qual os indios esfolam para forro de carapuças.

Por outro lado, regista-se ainda “azulão”, mas neste caso como nome de uma ave que se caracteriza por ter plumagem com ‘tom forte de azul’ (Houaiss, 2001). No corpus esta unidade ocorre em documento de 1782, mas em Houaiss não está datada:

(31) FRANCISCO ANTÔNIO DE SAMPAIO (1971) [1782], *CARDEAL*

Eu vejo: Cardeal, passero com a grandeza do **azulão**, bico grosso com a mandíbula superior negra, o apice hum pouco adunco, a inferior alva; cauda extensa; pernas, e pes calvos; unhas grandes, curvadas, agudas.

1.2. Expressões cromáticas analógicas/metafóricas

Tal como referido em 1., na impossibilidade de ilustrarmos a riqueza de todo o sistema de nomes de cores, destacaremos apenas alguns casos curiosos de cromónimos indirectos, resultantes de processos de analogia ou metáfora e com os quais certamente o falante actual está menos familiarizado.

É caso de cor “almecegada”, em que o adjectivo (participial) deriva de “almécega”, que designa 'uma resina amarela e aromática'. Segundo Houaiss (2001), “almécega” remonta ao século XIV e “almecegado” tem registo em 1562. No corpus do DHPB, quer a forma masculina, quer a feminina (almecegada) ocorrem unicamente em textos de Gabriel Soares de Sousa, de 1587.

(32) GABRIEL SOARES DE [...] *DA AGRICULTURA DA BAHIA* 1587

Cada pacoba d'estas tem um palmo de comprido e a grossura de um pepino, ás quaes tiram as cascas, que são de grossura das favas; e fica-lhe o miolo inteiro **almecegado**, muito saboroso.

(33) GABRIEL SOARES DE [...] *DA AGRICULTURA DA BAHIA* 1587

Plantam os Portuguezes este milho para manutenção dos cavallos, e criação das gallinhas e cabras, ovelhas e porcos; e aos negros de Guiné o dão por fruta, os quaes o não querem por mantimento sendo o melhor da sua terra; a côr geral d'este milho é branca; ha outro **almecegada**, outro preto, outro vermelho. e todo se planta á mão, e tem uma mesma qualidade.

Como é sabido, a analogia ou a comparação com um referente que possui determinada característica cromática é um dos processos de denominação de cores, o que vem enriquecer e avolumar as possibilidades de expressão linguística da cor, uma vez que os espectros se abrem a matizes cuja nomeação decorre da cultura de cada tempo. Para lá dos cromónimos e dos matizes a eles associadas na amostra acima, entendeu-se incluir nesta secção outras expressões que traduzem bem não só a capacidade perceptiva da cor como também os recursos para nomear cores (ou matizes de cores) num recorte de três séculos de história da língua.

Tal como nos casos de vermelho, verde e azul, não se pretende trazer aqui um inventário exaustivo. Vejam-se os casos seguintes.

(34) Cor de rosmaninho

PADRE FERNÃO CARDIM. *I - DO CLIMA E TERRA DO BRASIL 1587*

Este papagaio he formosissimo, e nelle se achão quasi todas as côres em grande perfeição, sc, vermelho, verde, amarello, preto, azul, pardo, **côr de rosmaninho**, e de todas estas cores têm o corpo salpicado, e espargido.

(35) Cor de figado

ANDRÉ JOÃO ANTONIL. *TERCEIRA PARTE - PELAS MINAS...* 1711

A pedra he de varias cores, differente das outras, & muy alegre: branca, negra, a modo de maracaxeta que se lança nas cartas, cor de ouro, amarella, azul, efverdeada, parda, de **cor de figado**, laranjada, leonada...

(36) Cor de toucinho

LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], DOS SEGREDOS, OU REMEDIOS PARTICULARES, QUE O AUTOR FAZ MANIFE/LOS PARA UTILIDADE DO BEM COMMUM.

[...] faõ como puftulas, ou bostellas, com sua caeca por fima, e faõ a modo de atoucinhadas, ou **cor de toucinho**, quando se lhe tira a caeca de fima [...].

(37) Cor de canela

ANÔNIMO (MUITO PROVAVELMENTE JOSEPH BARBOSA DE SÁA) (1999) [1765], [VI]. NOTICIA DE VARJOS ANIMAES QUADRUPEDES Q' HÁ NO BELAZIL, COM A DISTINÇÃO E CIRCUNSTCAS DE CADA HUM DELES, Q' SE TEM CONHECIDO

Há outros maiores do q' os Micos, quasi amarelados ou **cor de canela**, com os olhos como de gata [...].

(38) Cor de gesso

FR. JOÃO DE S. JOSÉ (1869) [1762], VIAGEM E VISITA DO SERTÃO EM O BISPADO DO GRÃO-PARÁ EM 1762 E 1763: ESCRIPTA PELO BISPO D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ.

Navegando pelo Tapacorá em distancia de quatro leguas se vê misturar com as suas aguas as de um rio branco ou de **cor de gesso**, depois de correrem ambos emparelhados ou paralelos. [...].

(39) Cor de "pecotilho"¹⁴

14 Deve ser uma variante de "picotilho", isto é, um pano feito de pelo de cabra, "menos grosso que o picote". De acordo com Houaiss (2001), "picotilho" está atestado desde 1789, no Dicionário de Moraes Silva.

FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS

[...]. 8 peças de baregana de França azul ferete e **cor de pecotilho** pois se gastão bem 6 duzias de meias de seda p.a mulheres encarnadas e azuis e cor de ouro [...].

(40) Cor de tijolo

FRAN.co DA CRUZ. *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS...* 1728

[...]. vestido de pano **cor de tijolo** caziado de fio de prata e vestia de seda de ramos de ouro e meias de seda da mesma cor [...].

(41) Cor de defunto

JOSEPH BARBOZA DE... . I- JOSEPH BARBOZA DE SÁ... 1775

[...].ficaraó opillados alguns e outros hydropicos e todos em geral com pernas e barigas inxadas e as **cores de defuntos** tudo cauzado do pouco e fraco sustento e vicio da terra [...].

(42) Cor de linho/ Cor de de poplo

. FREI CRISTOVÃO DE... . *REPRODUÇÃO DO ÍNDICE ORIGINAL...* 1625

[...] .tem a frol em feição de campainha ele tem as folhas gramdes e a campainha de **cor de linho raiada** de **cor de poplo** [...].

(43) Cor da tinta sinopla

PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE PRIMEIRA - CAP. 18º - DA SUA CAÇA ALTÍLIA

A cururina, que é a oitava e ínfima espécie é do tamanho das nossas perdizes, a proporção dela é o seu ovo, cuja casca por fora é da **cor da tinta sinopla**¹⁵, que é roxo bem vivo [...].

(44) Cor de tabaco de tabaco (castelhano)

PE. JOÃO DANIEL. *PARTE TERCEIRA - DÁ NOTICIA DA...* 1757

Do cozimento das arecas praesertim verdes com mistura de outros ingredientes se faz ãa tinta da **cor de tabaco castelhano**, que é de muita dura, e tem sua estimação.

(45) Cor de chá

LUIZ DOS SANTOS...*CARTA VIGESIMA TERCEIRA...* 1801

15 Em Houaiss (2001), “sinopla”, variante de “sinople” com atestação desde 1615, é a denominação de uma “cor vermelha, ocre”. Houaiss regista, ainda, preto e verde como equivalentes de “sinople”. No domínio da heráldica é, segundo o mesmo Dicionário a “cor negra, o negro [Na heráldica francesa, a cor verde.]”. “Sinople”, por sua vez, foi registada em 1720 por Rafael Bluteau.

Da Fazenda do Coronel ao Sincorá distão sette 7 legoas ao sitio do Carvalho,
e são hua do riacho das das duas barras, cuja agoa he da **cor de chá** [...].

NOTA FINAL

Com este trabalho não se pretendeu inventariar exaustivamente nem analisar o campo das cores, mas apenas ilustrar o registo de cromónimos e de expressões cromáticas no Banco de Textos em que se baseia o *Dicionário Histórico do Português do Brasil (séculos XVI-XVIII)*. Pese embora tratar-se de uma primeira amostra, restringida a três cores e a algumas expressões, os 45 exemplos dela extraídos, além de serem reveladores da riqueza do corpus textual do DHPB, deixam igualmente entrever os muitos contributos que um corpus histórico como este poderá trazer para o estudo diacrónico do campo das cores.

Por outro lado, não menos claro terá ficado que, sem recurso a um corpus textual extenso e diversificado, não é possível recensear as expressões referentes a matizes que, junto com os cromónimos directos, completam o espectro cromático historicamente registado, uma vez que o corpus permite abonar e contextualizar quer as unidades quer as expressões cromáticas, na sua relação com os dados sociais e culturais de cada época, ao mesmo tempo que revela a criatividade linguística que lhes está subjacente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Biderman, Maria Teresa; Nascimento, Maria Fernanda B.; Pereira, L. 2007. Uso das cores no português brasileiro e no português europeu. In: Aparecida Negri Isquierdo; Alves, Ieda Maria. (Eds.). *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia*, vol. III. Campo Grande/São Paulo: UFMS/Humanitas, p. 105-124.

Biderman, Maria Teresa; Murakawa, Clotilde de A. A. (coords.). 2012. *Dicionário Histórico do Português do Brasil (séculos XVI, XVII, XVIII)*, 12 vols. Araraquara: FCL.

Correia, Margarita. 2007. Towards a general description of the semantic field of 'colour' in European Portuguese. In: C.P. Biggam; Kay, Christian J. (Eds.), *Progress in colour studies*, 1: Language and Culture. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 111-125.

Cunha, Antônio Geraldo da. 1994. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Houaiss, Antônio. 2001. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva. CDrom.

Jones, W. J. 2013. *German colour terms: A study in their historical. Evolution from earliest times to the present*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Martins, Sabrina de Cássia; Zavaglia, Cláudia. 2014. Léxico e cores: as expressões cromáticas contribuindo para a ampliação lexical. *Revista Trama*, vol. 10, nº 20 - 2º Semestre, p. 83-96.

Martins, Sabrina de Cássia; Zavaglia, Cláudia. 2013. As cores da fauna e da flora: um dicionário especial. *Estudos linguísticos*. São Paulo, 42(1), jan-abr. p. 245-256.

Mollard-Desfour, A. 2008. Les mots de couleur: des passages entre langues et cultures. *Synergies Italie*, nº 4, p. 23-32.

Mollard-Desfour, A. 2011. *Le lexique de la couleur: de la langue à la culture... et aux dictionnaires*. *Revue d'Etudes Francaises*, nº 16, p. 89-109. Disponível em: <http://docplayer.fr/533011-Annie-mollard-desfour.html>. Acesso em 17.08.2015.

Murakaa, Clotilde de A. A. 2014. A construção de um dicionário histórico: o caso do Dicionário Histórico do Português do Brasil – século XVI, XVII e XVIII. *Estudos de lingüística galega*, v. 6. Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións da Universidade de Santiago de Compostela, p. 199-216.

Murakawa, Clotilde; Gonçalves, Maria Filomena. 2015. The corpus of the *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (DHPB). In: Silvestre, João Paulo; Villalva, Alina (Eds.). *Planning non existente dictionaries*. Lisboa/Aveiro: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/Universidade de Aveiro, p. 19-41.

Nascentes, Antenor. 1932. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Com prefácio de W. Meyer Lübke. Rio de Janeiro.

Silvestre, João Paulo; Villalva, Alina; Pacheco, Paulo. 2014. The Spectrum of red. Colour names in Portuguese. In: *Proceedings of the 50th Anniversary Convention of the Society for the Study of Artificial Intelligence and the Simulation of Behaviour*. London, 1-4 April 2014. Disponível em: <http://doc.gold.ac.uk/aisb50/AISB50-S20/aisb50-S20-silvestre-paper.pdf>. Acesso em 20.08.2015.

Zavaglia, Cláudia. 2006. Dicionário e Cores. *Alfa*. São Paulo, 50 (2), p. 25-41.

Zavaglia, Cláudia. 2007. A prática lexicográfica multilingüe: questões concernentes ao campo das cores. In: Aparecida Negri Isquerdo; Alves, Ieda Maria (Orgs.). *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia, terminologia*. vol. III. Campo Grande/São Paulo: Editora UFMS/Humanitas.

